

Atividade: *Vamos pensar juntos?*

TERAPIA COM CRIANÇAS: QUANDO OS PAIS NÃO ACOLHEM ORIENTAÇÕES!

Patrícia Piazzon Queiroz
IAAC

Patrícia Panho Ferronato
ITCR-Campinas

OS COMPORTAMENTOS DOS PAIS PODEM SER INFLUENCIADOS POR CONTINGÊNCIAS DE REFORÇAMENTO QUE COMPETEM COM A ADOÇÃO DAS ORIENTAÇÕES TERAPÊUTICAS.

Patrícia Piazzon Queiroz
IAAC

Os processos terapêuticos conduzidos com crianças sofrem importantes limitações quando os pais se opõem à condução da terapia ou não acolhem as orientações propostas pelo terapeuta. É um desafio complexo para o terapeuta de crianças identificar que contingências de reforçamento estão atuando no dia a dia dos pais, os quais se opõem ao comportamento de seguir as orientações. Em tais situações, um encaminhamento recomendável consiste em sugerir aos pais que iniciem suas próprias terapias, enquanto os poupam, não insistindo em orientações que são negligenciadas ou geram comportamentos de contracontrole em relação ao terapeuta. Três estudos de caso ilustram a origem das dificuldades dos pais. Juju (18 anos) teve uma história de contingências muito aversiva, caracterizada por “explosões”, de agressividade do pai, sempre que contrariado pela filha ou quando estava frustrado no trabalho ou na relação com a esposa (mãe de Juju). O pai gritava, fazia ameaças “assustadoras” de agredi-la, a mantinha presa no quarto por horas, proibia que saísse de casa etc. Algumas queixas de Juju eram sintomas de pânico, excessiva preocupação com sua imagem corporal, insegurança nas relações sociais. O pai sentia muita culpa pelo que seus comportamentos produziram na filha, mas, mesmo assim, periodicamente repetia no presente as explosões de agressividade. Demorou a permitir que a filha iniciasse a terapia, recusava-se, sistematicamente, a se encontrar com a terapeuta e repete que a filha “não tem nada. Tudo isso é frescura...”. João (6 anos) é a companhia inseparável da mãe. Ela sistematicamente justifica não concordar em deixar o filho frequentar a casa de parentes e de colegas de escola, porque se sente “um vazio” quando ele não está com ela. Adicionalmente, diz-se muito preocupada com o bem-estar e segurança de João quando não está sob os cuidados dela. A mãe não tem amigas e sua única atividade – além de cuidar do filho – é trabalhar. A relação com o filho sintetiza toda sua vida social e afetiva. Bel (12 anos), entre outros comportamentos de dependência com a mãe, ainda dorme na cama com os pais todas as noites. A terapeuta identificou que a relação do casal não é regida pelo afeto. A mãe não explicitou que não ama mais o marido, mas evita relacionamento físico com ele. Além disso, “é melhor para a Bel viver num lar onde convive com o pai e mãe...” Os três casos ilustram a presença de contingências de reforçamento aversivas regulando os comportamentos dos pais. Alterá-los, provavelmente, gerarão condições ainda mais aversivas a curto prazo. Negar-



se a seguir as orientações terapêuticas é comportamento de fuga-esquiva fortemente fortalecido por contingências de reforçamento negativo.

Palavras chave: orientações de pais; comportamento de fuga-esquiva de pais e terapia de pais.